

MEMÓRIA E HISTÓRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE

Cristina Ennes da Silva
Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo/RS

Nosso estudo é parte integrante de um projeto de pesquisa institucional que visa o resgate da história do Centro Universitário Feevale. Num primeiro buscamos reconstituir a história da ASPEUR (Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo), que é a entidade mantenedora do Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo-RS) e que resultou num livro já publicado.¹ Concluída a primeira etapa da pesquisa procuramos resgatar a trajetória da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior de Novo Hamburgo (FEEVALE), status que a instituição adquiriu a partir da aprovação de seu funcionamento.

Este trabalho procurou valorizar, além da documentação institucional e do material presente no jornal local, a fala de pessoas que vivenciaram o período de instalação das faculdades, bem como o desenvolvimento das atividades e o próprio crescimento da instituição.

Nesse sentido, não nos restringimos a exclusivamente colher os depoimentos e publicá-los, mas buscamos, em conjunto com outras fontes históricas, valorizar a fala de dirigentes, professores, funcionários, alunos e membros da comunidade, que por sua relação com a instituição fizeram emergir um universo de expectativas, sentimentos e percepções acerca do momento vivenciado pela instituição.

A análise do jornal trouxe, também, a percepção da comunidade local, uma vez que não se restringia apenas a noticiar as atividades realizadas pela instituição como também abria espaço para que a comunidade se aproximasse da instituição.

Num outro sentido, enfatizamos a análise das fontes documentais institucionais: atas, relatórios, memorandos, entre outros, onde podemos acompanhar o desenvolvimento da atividade e o crescimento da instituição. A conjugação dessas fontes históricas possibilitou-nos a reconstrução da história que conduziu a instituição ao status de Centro Universitário.

¹ SCHEMES, C e SILVA, C.E.. **ASPEUR. Uma trajetória comunitária.** Memória de seus colaboradores. Novo Hamburgo: Ed. Feevale, 2003.

A história da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo teve seu início aproximadamente um ano antes da aprovação de seu funcionamento, isso é no final da década de 60. Nesse período a cidade de Novo Hamburgo destacava-se por ter um quadro econômico onde a indústria, o comércio e os serviços se desenvolviam amplamente. No tocante a educação escolar, a cidade estava dotada de escolas de nível fundamental e médio de qualidade reconhecida. Contudo, com exceção de um Instituto de Belas Artes, não possuía escolas de nível superior que pudessem atender as necessidades de uma população que se aproximava dos 80 mil habitantes. Assim, ao concluírem os estudos secundários os jovens eram obrigados a saírem da cidade se desejassem continuar os estudos.

Dessa realidade surgiu a idéia da criação de uma universidade pelo prefeito da época, Alceu Mosmann, que convocou membros representantes de diversos setores da sociedade a se unirem numa comissão para verificar a viabilidade de instalação de faculdades na região. Da primeira comissão de verificação originou-se uma associação denominada ASPEUR (Associação Pró-universidade em Novo Hamburgo), que viria a ser a mantenedora da instituição de ensino superior.

Por quase um ano os membros da ASPEUR trabalharam no sentido de promover a instalação das faculdades. Uma de suas ações foi a seleção dos cursos que comporiam a instituição de ensino superior: Ciências Contábeis, Administração de Empresas, Educação (Pedagogia) e Relações Públicas, pois estes cursos estavam relacionados com as necessidades apresentadas pela comunidade.

Inicialmente pensou-se em instalar uma universidade regional, entretanto, na medida em que o processo se desenrolava foi aconselhado pelos órgãos educacionais estaduais e federais que a instituição pretendida assumisse o status de federação, o que aconteceu em 26/02/1970.

No mesmo mês, realizaram-se os primeiros exames vestibulares da instituição, sendo registrado a presença de 202 candidatos distribuídos entre os quatro cursos oferecidos.

Em 24 de março de 1970, iniciaram-se efetivamente as atividades na FEEVALE com a presença do reitor da PUC-RS, Irmão José Otão, que proferiu a aula magna da instituição destacando a importância do Ensino Superior e a criação dos Cursos Superiores em Novo Hamburgo.

Para ministrar as aulas dos quatro cursos a Federação contava com 8 professores titulares, devidamente aprovados pelo MEC, além de 9 assistentes e 2 auxiliares de ensino. Entretanto, as atividades para muitos destes profissionais haviam começado bem antes da realização da aula inaugural, pois em dezembro de 1969 os professores tiveram a primeira reunião do corpo docente da instituição objetivando planejar e traçar diretrizes para os cursos.

Além de um corpo dirigente e docente engajado na construção de uma instituição de ensino superior com qualidade, a FEEVALE contava com um grupo de funcionários dedicados e envolvidos em melhor atender as necessidades da instituição e dos alunos.

Eu entrei na instituição em agosto de 1975 atuando como professora e com o tempo passei a exercer a função que hoje poderíamos definir como chefia de gabinete. Eu sempre gostei de trabalhar na Feevale, sempre me identifiquei com o trabalho na instituição. As atividades que eu realizei ao longo deste tempo foram sempre muito prazerosas para mim e eu fiz com prazer e satisfação todas elas. (Luci Bridi)

Quando da elaboração do projeto para a implantação das faculdades, havia uma previsão para a incorporação do Instituto de Belas Artes – IBA – à Universidade Regional.

Em 24 de abril de 1970, ocorreu uma assembléia que contava com a presença dos Diretores e Conselho Deliberativo da ASPEUR, de representantes da Sociedade Cultural de Novo Hamburgo, da diretoria do IBA, bem como de vereadores e do prefeito Alceu Mosmann, que votou em unanimidade pela incorporação do IBA à FEEVALE, e passou a chamar-se Faculdade de Belas Artes.

Com a união das faculdades o número de professores e o de alunos teve um acréscimo significativo já no primeiro ano de funcionamento da instituição. Assim, em abril de 1971, quando o senador Tarso Dutra proferiu a aula magna, sobre “Educação e

Desenvolvimento”, quase 50 professores e mais de 400 alunos estavam presentes na platéia ouvindo suas palavras.

A estrutura administrativa estabelecida no momento da realização do projeto previa a existência de dois diretores, o que por vezes dificultava as ações e as decisões que deveriam ser tomadas. Sentiu-se, dessa forma, a necessidade de promover mudanças que tornassem a administração mais ágil e mais adequada às necessidades da Federação naquele momento.

Entretanto, o modelo adotado tinha sido aprovado conjuntamente com as faculdades, então não seria possível simplesmente alterar os cargos e funções autonomamente. Assim, quando ocorreu a incorporação do Instituto de Belas Artes à Feevale, surgiu a oportunidade de promover a alteração no regimento da instituição. A opção adotada foi a sugerida pelo próprio Conselho Federal de Educação, ou seja, o Regimento Unificado, onde haveria apenas um Diretor Geral, que seria assessorado por dois vice-diretores, sendo que um deles atuaria na área educativa e o outro na administrativa.

Com o estabelecimento do Regimento Unificado os princípios determinados desde a elaboração do projeto universidade foram reafirmados. *“A Federação de estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo – FEEVALE – constituiu-se de estabelecimentos destinados a ministrar o ensino em nível superior, a promover a pesquisa, a ampliar a cultura e a propiciar a prática do civismo.” (art. 1º do Regimento Unificado e art. 3º do Estatuto da FEEVALE).*

Além do princípio geral, outros princípios de atuação foram estabelecidos, norteados pela postura assumida pela instituição frente à comunidade que a criou. Estes princípios determinavam a autonomia didática e pedagógica do corpo docente, bem como sua integração social, de forma a aprimorar a política estudantil, dinamizando as atividades sócio-culturais e a participação na administração escolar e acadêmica. Além disso, se destaca o firme propósito da instituição de se abster de envolvimento em política partidária e em questões religiosas, buscando, assim, defender as tradições democráticas e o patrimônio cultural do país.

Com base nos princípios determinados e observando sua vocação regional nascida da união e vontade da comunidade, a Federação estabeleceu objetivos e metas a serem cumpridas ao longo dos anos de funcionamento. Assim, a FEEVALE se propôs a:

- “a) ser uma comunidade de professores, alunos e funcionários;
- b) desenvolver a instrução, a educação, o ensino, e a pesquisa;
- c) promover a cultura nos planos intelectual, artístico, moral, e espiritual, em função do compromisso com os valores da civilização, e como instrumento de realização da vocação integral do homem;
- d) preparar profissionais competentes, habilitados ao eficiente desempenho de suas funções, com sentido de responsabilidade e participação;
- e) estender à comunidade, sob a forma de cursos e serviços, as atividades de ensino e as pesquisas que visem à elevação do nível de educação e cultura da população;
- f) incentivar o intercâmbio com as Universidades e outras instituições científicas e culturais, nacionais e estrangeiras;
- g) dar atendimento específico à comunidade que a compõe, destinando-se a ser centro permanente de formação de recursos humanos e de lideranças, estudar problemas encaminhados pelos municípios, e constituir pólo de fixação.’ (do art. Do Estatuto da FEEVALE, adaptado)

Entre as várias ações que exigiam a atenção da direção da instituição estava a questão relacionada ao reconhecimento de seus cursos, o que aconteceu pela primeira vez em dezembro de 1972 com o curso de Relações Públicas. Os demais cursos, como o de Ciências Contábeis e de Educação/Pedagogia tiveram seu reconhecimento em setembro de 1973.

Em 24 de março de 1973, exatamente três anos após a primeira aula magna ocorreu a primeira formatura. Assim, os primeiros alunos formados pela FEEVALE eram do curso de Relações Públicas. A solenidade de formatura envolvia um ato religioso e uma sessão solene onde formandos, familiares, homenageados, enfim, todas as pessoas ligadas a Federação, viram o sonho tornar-se efetivamente uma realidade.

A formatura, para os alunos, foi uma conquista. O importante é que ao nascer uma entidade nova, existindo outras na região, houve um largo e importante mérito para as pessoas que acreditaram na proposta nova de ensino superior; isto é um milagre a que convém destacar. Inacreditável. Importante quando surge do nada. E eles, alunos, acreditaram. Para a primeira turma de cada curso que se formava realmente era uma grande conquista. (João Carlos Schmitz)

A formatura representou muito para todas as pessoas envolvidas e não só para os alunos. A origem comunitária da instituição, a restrita quantidade de alunos nos primeiros tempos, as dificuldades vencidas em conjunto, entre outros tantos fatores, fizeram com que

os acadêmicos fossem mais que alunos para seus professores. O ambiente acadêmico era de amizade, harmonia e colaboração.

O relacionamento da direção com os alunos era excelente. Inclusive houve um fato muito pessoal. A FEEVALE nunca foi de greve, pelo menos naquele período em que eu fui diretor, mas houve uma tentativa de um movimento de greve devido a questões de mensalidade escolar, e eu estava em Gramado, festejando aniversário de casamento. Aí quando eu retornei, a líder estudantil e Presidente do Diretório Acadêmico, procurou-me e disse: “Professor, nós não fizemos a greve em homenagem a seu casamento.” Eu disse: “Já que vocês não fizeram a greve não há necessidade de fazê-la. Agora a gente vai negociar. Sou muito agradecido a vocês.” O assunto era muito polêmico na época, mas não saiu a greve. (João Carlos Schmitz)

A transparência no relacionamento entre os diversos grupos que compunham o universo acadêmico de princípios da década de 1970, possibilitava a agregação de esforços no sentido de dotar a instituição de um alicerce sólido. Os problemas eram colocados para os representantes dos acadêmicos que, de posse do conhecimento da realidade, dispunham-se em somar forças para ultrapassar os períodos mais conturbados.

Nesse contexto é possível compreender a aceitação e o apoio que as propostas lançadas pela instituição tinham por parte da comunidade. Essa confiança era correspondida pelos dirigentes que estavam sempre atentos as necessidades da sociedade local.

É importante destacar que as preocupações da Federação não se restringiam a criação de cursos de graduação ou mesmo de pós-graduação. Havia a percepção de que, apesar de serem realizados diversos cursos de extensão tanto na área cultural como na educacional, a comunidade necessitava de um órgão voltado especificamente para garantir, cada vez mais, possibilidades de realização de atividades além das acadêmicas. Assim, em 1975 foi elaborado um projeto para a criação de um Centro de Educação Permanente (CEP) e, em setembro de 1976, o projeto tornou-se uma realidade e passou a promover e coordenar cursos de especializações, aperfeiçoamento e de extensão, seminários, encontros, jornadas técnicas, projetos específicos, enfim, uma gama de atividades de natureza técnica, educacional e cultural.

Tendo solidificado as bases da educação de nível superior, iniciou-se um processo de análise da possibilidade de ampliação das atividades na área educacional. Assim, em

1987, a ASPEUR determinou que fosse feito um estudo sobre a viabilidade de implantação do ensino de 2º Grau.

Nós achamos que era interessante termos as nossas escolas de aplicação. Por isso decidimos criar o segundo grau e posteriormente o primeiro grau, que eu acho que foi altamente positivo. A nossa escola era um pouco diferenciada das demais da região, até porque a convivência com o curso superior cria um outro clima. (Plínio Dall'Agnol)

Outro projeto de caráter inovador implantado pela FEEVALE ocorreu através de uma resolução da direção geral que propunha a criação de um programa que visasse a comunidade, principalmente aquela parcela da comunidade que já possuía uma idade avançada. Assim, no dia 1º de setembro, foi criada o Programa da Terceira Idade, que tinha como objetivo desenvolver ações de promoção humana dirigidas a arte de envelhecer. Ele tinha por finalidade estimular as pessoas mais velhas a praticarem esportes e desenvolverem práticas sociais.

Após a solidificação dos trabalhos com o ensino de segundo grau, no ano de 1994 foi implantada a Escola de 1º. Grau. As aulas iniciaram em 28 de fevereiro desse mesmo ano, contando com uma turma de pré-escola e uma de 6ª série, conforme projeto de implantação gradativa das outras séries.

Essa escola tinha uma proposta diferenciada das demais, pois funcionava todas as manhãs e duas tardes, oferecia disciplinas alternativas ao núcleo comum, como Técnicas Domésticas, Comerciais, Industriais e Agrícolas, línguas espanhola, francesa e alemã, teatro, música, entre outros, além de vários projetos extracurriculares. O projeto filosófico e metodológico se baseava nos princípios da construção curricular organizada pela comunidade (pais, professores, especialistas), nos espaços de estudos semanais para equipe docente, especialistas e convidados, nos conselhos de classe participativos, entre outros.

Entretanto, após 15 anos de funcionamento a FEEVALE apresentava um problema de espaço, pois a estrutura do Campus I não era mais suficiente para suprir as necessidades da instituição. Dessa maneira, a partir de 1984 foram intensificados os esforços no sentido de se buscar uma nova área que pudesse abrigar as instalações de um novo campus universitário.

Contando com o apoio da comunidade, a ASPEUR pode iniciar a construção do primeiro prédio do Campus II. O plano de ação para as construções havia sido concedido por um grupo de engenheiros e arquitetos que graciosamente elaboraram os planos e projeto de construção.

Desta maneira, o processo de expansão seguia seu curso, construindo um campus moderno que abrigasse os anseios de desenvolvimento e crescimento da instituição. O sonho de implantação do 3º grau em Novo Hamburgo dava os seus frutos, indo além do imaginado pelos seus próprios criadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história*. São Paulo: Loyola, 1999.
- DALL'AGNOL, Plínio. *ASPEUR*. Novo Hamburgo: s.ed., 1973.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org) *Usos & Abusos da História Oral*. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral – Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial SP, 2002.
- Jornal NH*: Novo Hamburgo: jun 68-dez 85.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: *A Escrita da História-Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- RELATÓRIOS de atividades ASPEUR/FEEVALE. Novo Hamburgo: 1970 a 2001.
- SCHEMES, Claudia e SILVA, Cristina E. *ASPEUR. Uma trajetória comunitária. Memória de seus colaboradores*. Novo Hamburgo: Ed. Feevale, 2003.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. 2.ed. São Paulo: